

O SUSTENTÁVEL NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXISTENCIAL, A PARTIR DO LUGAR: UMA OPOSIÇÃO À OBJETIFICAÇÃO DA NATUREZA

THE SUSTAINABLE IN EXISTENTIAL ENVIRONMENTAL EDUCATION, FROM THE PLACE: AN OPPOSITION TO THE OBJECTION OF NATURE

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.v0i50.46816>

VIEIRA, Fábio Pessoa¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar o sustentável em uma Educação Ambiental existencial a partir de uma perspectiva de valorizar as possibilidades humanas de envolvimento com o ambiente, que tenham como referência o pertencimento e as relações de intimidade com o lugar. Apresento como que a humanidade ao longo do espaço tempo, priorizou a sua relação com a natureza, a partir de um viés técnico, mecanicista e cientificista, e como que tal relação propiciou o surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável. Leituras decoloniais e fenomenológicas fundamentam a epistemologia e metodologia deste artigo. Obras de diversos campos do conhecimento, em especial da filosofia, geografia e biologia fundamentam conceitos presentes no texto e possibilitam a tessitura de uma Educação Ambiental existencial. Como um contraponto, ao desenvolvimento sustentável, propicio o entendimento de que a sustentabilidade se reconfigura e é produzida em um diálogo com outros saberes, tendo como base o lugar, rompendo com o pensamento produzido por uma sociedade que impõe uma única maneira de ser sustentável, desprezando as experiências vividas e os diversos saberes.

Palavras-Chave: Ambiente; Saberes; Envolvimento.

ABSTRACT

The objective of this article is to present the sustainable for an Existential Environmental Education from a perspective of valuing the human possibilities of involvement with the environment, having as reference the belonging and the intimate relations with the place. I present how humanity throughout space time, prioritized its relationship with nature, from a technical, mechanistic and scientific bias, and how that relationship led to the emergence of the concept of sustainable development. Decolonial and phenomenological readings support the epistemology and methodology of this article. Works from various fields of knowledge, especially philosophy, geography and biology, base concepts present in the text and enable the construction of an existential Environmental Education. As a counterpoint, to sustainable development, propitious to the understanding that sustainability reconfigures itself and is produced in a dialogue with other knowledge, having to base the place, breaking with the thought produced by a society that imposes a unique way of being sustainable, disregarding the lived experiences and the diverse knowledge.

Keywords: Environment; Knowledge; Involvement.

¹ Doutor em Ciências do Ambiente. Professor da Universidade Federal da Bahia. Membro do Conselho Gestor da reserva Extrativista do Extremo Norte do Tocantins.

Introdução

O conceito de desenvolvimento sustentável é criado como um discurso que preconiza o fato de os elementos da natureza estarem cada vez mais escassos, o que conseqüentemente, coloca em risco o modelo de progresso e desenvolvimento construído pela sociedade moderna. Tal conceito torna-se um exemplo de como a natureza vem sendo ao longo do espaço tempo objetificada pela humanidade.

Objetificação, que dificulta a possibilidade de envolvimento do ser humano com seus pares e com a natureza, em uma perspectiva existencial, à medida que cada vez mais a relação humanidade e natureza é pautada por uma racionalidade estritamente econômica, racionalidade esta fundamentada em uma lógica global, em detrimento de uma relação alicerçada no lugar, na qual a essência seja o vivido e as experiências.

Neste contexto, como um contraponto epistêmico, proponho uma concepção existencial na Educação Ambiental, fundada com as percepções, nas subjetividades e no envolvimento com o lugar. A concepção existencial emerge de inquietações pedagógicas que, ao longo do vivenciado na educação, e mais especificamente na docência, permitiram uma compreensão de que o desenvolvimento sustentável é um discurso colonizador que visa manter um *status quo* no mundo.

Para tanto será apresentado, de maneira sucinta, como que a humanidade ao longo do espaço tempo, priorizou a sua relação com a natureza, a partir de um viés técnico, mecanicista e cientificista, em detrimento de um olhar estético, contemplativo, e de intimidade com a natureza.

O objetivo deste estudo é apresentar o sustentável em uma Educação Ambiental existencial a partir de uma perspectiva que valorize as possibilidades humanas de envolvimento com o ambiente, e que tenham como referência o pertencimento e as relações de intimidade com o lugar, dando visibilidade a uma infinidade de possibilidades sustentáveis existentes no mundo.

A fenomenologia emerge como aporte teórico e epistêmico, no presente estudo, ao possibilitar compreensões de que a natureza é significada e ressignificada, ao longo dos espaços tempos de acordo com as relações, estéticas, simbólicas, econômicas, culturais, com as quais o ser humano constrói em seu mundo vivido.

A estrutura do artigo centra-se em três momentos: A objetificação da natureza, ao desvelar as atitudes humanas a partir do aforismo de Heráclito “A Natureza ama ocultar-se” –

physis kryptesthai philei; a ideia de que o conceito de desenvolvimento sustentável é um modelo que nega os saberes de povos e comunidades que possuem uma relação íntima com a natureza; e, por fim, a proposição de que o sustentável acontece em um exercício cotidiano de vivências que se realiza no lugar tornando possível a realização de uma Educação Ambiental existencial.

A objetificação da natureza

O ponto de partida para desvelar as atitudes humanas, em relação à natureza, é o aforismo de Heráclito: “A Natureza ama ocultar-se” – *physis kryptesthai philei*. Hadot (2006, p.29) destaca que há cinco possíveis significados para o aforismo Heraclítico: 1 – A natureza é difícil de conhecer 2 – A natureza não se quer revelar; 3 – Na natureza, a origem das coisas é difícil de conhecer; 4 – Na natureza, o que faz nascer tende a fazer morrer; 5 – Na natureza o que nasceu quer morrer. De acordo com Hadot (2006, p.30), as duas últimas sentenças, são as mais próximas dos ideais heraclíticos, por apresentar um aspecto antitético que caracteriza o seu pensamento.

Em um movimento antagônico, mas, ambíguo no sentido de complexidade e complementaridade que permeia a natureza, viso compreender como que a humanidade por intermédio do aforismo heraclítico – este inspirador de uma gama de filósofos, em especial na Antiguidade –, buscou desvelar os segredos da natureza por meio de seus significados, o que possibilitou ao longo do espaço tempo a ideia de dominação da natureza. Entretanto a relação do ser humano com a natureza no período pré-socrático destoava do atual modelo dominante no mundo ocidental, Porto-Gonçalves (2006, p.30). A *physis* era compreendida como a totalidade de tudo que é, não se referindo exclusivamente àquilo que atualmente conhecemos como natureza. A existência, também, está contida na *physis* e nela se realiza:

Pensando a *physis* o filósofo pré-socrático pensa o ser e a partir da *physis* pode então chegar a uma compreensão da totalidade do real: do cosmos, dos deuses e das coisas particulares, do homem e da verdade, do movimento e da mudança, do animado, e do inanimado, do comportamento humano e da sabedoria, da política e da justiça. (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 31).

Hadot (2006, p. 43), aponta que Platão concebia a *physis* como uma arte divina, com um forte componente mítico, enquanto que Aristóteles a via como um princípio de movimento interior e imanente a cada indivíduo. A ideia de divindade platônica reverberar-se-á em diversos espaços tempos, e ganhará potência com os neoplatônicos que ao considerarem a natureza como a parte inferior da realidade dá um novo sentido ao aforismo de Heráclito, o

qual “A natureza ama ocultar-se”, torna-se “A natureza ama encobrir-se”. Logo, o ocultamento da natureza é um movimento que não ocorre devido à sua transcendência, mas sim, como aponta Hadot (2006, p.79) “[...] por ser uma potência de nível inferior, que está condenada a encobrir-se nas formas corpóreas”.

Merleau-Ponty (2000) enfatiza que para os estóicos², a palavra natureza tem um sentido de simpatia entre as partes do mundo. Estes por sua vez, ao conceberem a *physis* como um “fogo artista que opera sistemática e metodicamente para engendrar todas as coisas” (LAÉRCIO, VII, 156 apud HADOT, 2006, p. 45)³, permitem a compreensão de que a organização da natureza ocorre de maneira análoga a uma obra de arte, na qual o seu artesão, Deus, realizou a maior obra de arte vista até então, que é:

O mundo, esse conjunto que se convencionou chamar por um outro nome, o “céu”, cuja abóboda cobre a vida de todo o universo, deve ser tido como uma divindade, eterna, sem começo e sem fim. Perscrutar o que está fora dele não interessa ao homem e escapa às conjeturas do espírito humano. (PLÍNIO, XXXVII, p. 205 apud HADOT, 2006, p. 46).

De um modo geral, o histórico do conceito de natureza evidencia a capacidade inventiva da humanidade para construir a sua relação com o ambiente e produzir as suas mais diversas culturas. Hadot (2006) concebe por meio da materialização de posturas fundamentais, que são metaforicamente relacionadas à atitude – que se convertem a partir de ações humanas em métodos para descobrir os segredos da natureza –, de dois deuses gregos, possibilidades de relação do ser humano com a natureza, seja ela distante, seja ela parte de si.

A primeira é voluntarista e baseada nas ações do deus Prometeu que roubou o fogo do Olimpo e deu aos homens. Um dos grandes expoentes da atitude prometéica é a lógica mecanicista e de dominação da natureza, fundamentada por meio da experimentação. Para Artigas (2005) ao criar o método indutivo, Francis Bacon concede a criação de uma trajetória científica de domínio da natureza: “Os segredos da natureza se revelam mais sob a tortura dos experimentos do que no seu curso natural” (BACON, I, 129 apud HADOT, 2006).

² Na concepção estóica, os princípios éticos da harmonia e do equilíbrio baseiam-se, em última análise, nos princípios que ordenam o próprio cosmos. Assim, o homem, como parte desse cosmos, deve orientar sua vida prática por esses princípios, ao viver em total harmonia com a natureza, dominando suas paixões e suportando os sofrimentos da vida cotidiana, até alcançar a mais completa indiferença e impassibilidade diante dos acontecimentos. (Japiassu; Marcondes, 2001)

³ As citações de citações são de textos antigos e todas extraídas da obra o Véu de Ísis (2006) de Pierre Hadot. O autor preconiza em suas indicações bibliográficas, que para autores muito “clássicos” as obras são referenciadas por capítulos e parágrafos, pois estas são assim habitualmente utilizadas por tais autores. Ver mais na obra referida, p. 341.

Em oposição aos desmandos e a gana de dominação, prometéica, frente à natureza, há a segunda atitude denominada por Hadot (2006), de órfica. Nela há um respeito pelos “mistérios” da natureza, mediado por um movimento de contemplação estética e perceptiva. Tal atitude constitui-se, sob o patrocínio de Orfeu, deus e poeta da mitologia grega que ao tocar sua lira, com habilidade, a natureza contemplava. Essa atitude, ou método de descobrir a natureza tem como suporte não a instrumentalização, da magia ou da experimentação, característicos da atitude prometéica, mas, sim “[...] os recursos do discurso filosófico e poético ou os da arte pictórica” (HADOT, 2006, p. 175).

O intuito não é criar uma oposição de uma atitude boa e outra má, mas, sim, propiciar um entendimento de que estas relações acontecem na vinculação existente entre humanidade e natureza nem sempre de maneira excludente, mas sim de modo ambíguo, até por quê:

[...] o mesmo homem pode ter simultânea ou sucessivamente várias atitudes aparentemente contraditórias a respeito da natureza. Enquanto o cientista está fazendo seu experimento, seu corpo percebe a Terra, não obstante a revolução copernicana, como um apoio fixo e imóvel, e lança talvez um olhar distraído sobre o “deitar” do sol. Atitude órfica e atitude prometéica a respeito da natureza podem muito bem se suceder ou coexistir ou mesmo se misturar. Mas não são menos radicalmente e fundamentalmente opostas. (HADOT, 2006, p. 120).

Um movimento ambíguo que se refere ao vivido, na qual as sutilidades ontológicas que são compreendidas a partir da percepção da abundância existente no mundo, são partes de uma realidade aberta e mutável, que também caracteriza o espaço com suas múltiplas histórias, e que são mais potentes do que as dicotomias grosseiras, que dificultam a compreensão de como as coisas são, a partir de idéias fixas sobre estas, no caso deste artigo, a ideia de um único desenvolvimento sustentável e como isto ressoa na Educação Ambiental.

A Terra como a morada do ser humano na qual se realiza a existência, teorização de Dardel (2015), apresenta uma atitude órfica, na qual a dimensão do envolvimento da humanidade com a natureza é o destaque. Para este autor, em algumas comunidades há a materialização de uma forma diversa, aos ideais de dominação em relação à natureza: “Povo das florestas, os hindus suprimiram toda a distância entre o ser interior e a natureza porque o homem vive em comunhão com a vida universal que se manifesta no clima, na vegetação e nos animais” (DARDEL, 2015, p. 9).

Inspirado por esses povos, e sua relação mais intrínseca com a natureza, compreendo a Terra como um espaço que abarca a materialidade, mas que também, se realiza por meio dos desejos e do vivido. Um espaço que é:

[...] muito mais próximo, sem nenhuma dúvida, do espaço geográfico concreto que do espaço geométrico. Espaço onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência, extensão, porque ela procura um horizonte, direções, existências que dela se aproximam, porque a vida lhe oferece percursos a seguir, fáceis ou acidentados, seguros ou incertos. (DARDEL, 2015, p. 13).

Pensar a Terra para além de uma materialidade permite também, associar a um pensamento mítico. Uma ideia de indissociabilidade entre o ser humano e a Terra, por meio de: “um laço de parentesco que une o homem a tudo que o cerca, às árvores, aos animais, até às pedras. A montanha, o vale, a floresta não são simplesmente um quadro, um “exterior” mesmo que familiar. Eles são o próprio homem” (DARDEL, 2015, p. 49).

O desenvolvimento sustentável e a educação ambiental existencial

Ao apresentar as atitudes prometética, explico o entendimento de que o conceito de natureza, que não é natural, pois é uma produção humana, torna-se constantemente modificado com o propósito de direcionar a relação do ser humano com a natureza. Uma relação pautada, predominantemente, por uma ideia de separação e de uma objetivação construída sobre a natureza, o que por sua vez ratifica a sua dominação. Assim, ao longo do tempo a humanidade cria discursos e ações que buscam validar tal relação.

Dentre estes discursos, temos o conceito de desenvolvimento sustentável, Proposto pela ONU e presente em um documento nominado *Nosso Futuro Comum* (1991), tal conceito preconiza que é: “[...] aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1991, p. 09). Um conceito elaborado com o objetivo de justificar uma nova fase de crescimento econômico mundial, e que subordina a dimensão ambiental a uma racionalidade econômica, ao assimilar o discurso ecológico em função de uma lógica econômica e não, como às vezes pode soar um discurso econômico em função de uma lógica ambiental.

O ambiente é compreendido, como uma transfiguração – como a passagem de uma figura para outra, e que traz uma ideia de possessão, como para Suertegaray (2014, p.116): “Assim, uma natureza possuída pela humanidade transfigura-se, adquire uma outra dimensão” – proporcionada pelas técnicas ao intervirem nas formas e processos naturais. Nessa transfiguração, as relações do ser humano **sobre** a natureza empobrecem as relações da humanidade **com** a natureza.

Nesse sentido, o ambiente é um conceito que emerge como uma derivação da natureza, uma vez transfigurada de modo intencional ou inadvertido, de acordo com os propósitos de diferentes grupos sociais, especialmente daqueles preocupados com a acumulação do capital, na qual “A presença do homem concretamente como ser natural e, ao mesmo tempo, como alguém oposto à natureza promoveu/promove profundas transformações na natureza em si mesma e na sua própria natureza” (SUERTEGARAY, 2014, p. 119).

O desenvolvimento sustentável surge como um discurso da salvação de um modelo de desenvolvimento e progresso, que corrobora com uma crise ambiental, que não é eminentemente ecológica, mas sim um problema que é uma:

[...] crise da razão. Os problemas ambientais são, fundamentalmente, problemas do conhecimento. Daí podem ser derivadas fortes implicações para toda e qualquer política ambiental – que deve passar por uma política do conhecimento – e, também para a educação. (LEFF, 2006, p. 217).

Em um processo autopoietico de construção, pois “[...] não somos alheios ao mundo em que existimos e que está disponível em nosso existir cotidiano” (MATURANA; VARELA, 2001, p. 146), compreendo em nosso fazer cotidiano, a possibilidade de valorizar as vivências que se realizam no lugar. Vivências, que denotam uma multiplicidade de sustentabilidades que são produzidas por intermédio de uma relação enraizada do ser humano com o ambiente.

Por conseguinte, compreendo as sustentabilidades que possam vir a ocorrer a partir da perspectiva do **envolvimento ambiental**. Tal perspectiva – por mais que as palavras possam indicar uma redundância à medida que o ambiente nos envolve nos circunda – refere-se a outro viés relacional com o ambiente. Busca-se percebê-lo e valorá-lo em um ponto de vista em que a existência de uma relação com a natureza seja pautada por uma ética ambiental e orientada por um relacionamento no qual o cotidiano, o vivido, sejam fundantes. É um relacionar-se de modo diverso, a partir de outros preceitos e propósitos.

O significado de a palavra envolver em um dicionário da língua portuguesa (MICHAELIS, 2015), possui a seguinte definição: “entrometer-se, incluir-se, comprometer-se”. Em outro trabalho, destaco que a perspectiva de desenvolvimento sobre a natureza tem como base a não inclusão, o não comprometimento com o ambiente, uma vez que o prefixo **des** possui o sentido de: “separação, ação contrária”. Assim, tal perspectiva cria condições para a degradação ambiental, a partir de um desenvolvimento que nega a subjetividade e o pertencimento com o lugar e com a própria natureza (VIEIRA, 2014). No mesmo dicionário colhi o significado de mais uma palavra – dessa vez **envolvimento**. Algumas das definições,

particularmente, interessaram: “inclusão; comprometimento; engajamento; ligação”. Desse modo, compreendo que com a perspectiva do **envolvimento ambiental** há uma relação de intimidade e afetividade com o lugar, que cria condições para uma infinidade de sustentabilidades existentes no mundo.

Envolvimento ambiental, que é produzido por uma diversidade de práticas cotidianas, por povos e comunidades que possuem uma relação de pertencimento e enraizamento para com a natureza, tal qual, comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas, extrativistas, dentre outras, que visam alcançar: a) a **autossuficiência**, pensada como um sustento em busca de uma dignidade que não exclui a possibilidade de mudanças no âmbito material; b) a **conservação ambiental**, que se efetiva a partir de uma resistência em defesa do ambiente; c) e a **justiça social**, que se assenta em uma luta pelo direito de uso do território.

A construção desse envolvimento, no mundo das possibilidades, ocorre por uma diversidade de culturas, saberes e identidades, que dão outro significado para o que é ser sustentável, distante de um significado único e universal, coadunando com o pensar de Leff (2010):

[...] a sustentabilidade baseada em uma política da diversidade e da diferença implica fazer descer de seu pedestal o regime universal e dominante do mercado como medida de todas as coisas, como princípio organizador do mundo globalizado e do próprio sentido da existência humana. (LEFF, 2010, p. 26).

E, para romper com o universal do mundo globalizado, o lugar emerge como um conceito que alicerçado pela leitura topofílica, a partir de um sentimento de pertencimento e de envolvimento. Para Tuan (2002, p. 19), o conceito de topofilia trata de um “[...] elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito vivido e concreto como experiência pessoal [...]”.

O propósito de dar potência ao lugar não se refere a uma negação das demais escalas de realização do vivido, nem tampouco exclui a interligação entre as mais diversas escalas, tais como a regional e a global. Com Relph (2012), reforço o viés humanista e aproximo o lugar e o mundo, o local e o global, à medida que é por intermédio dos lugares que nos relacionamos com o mundo: “Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado” (RELPH, 2012, p. 31).

Compreendo que a sustentabilidade ao se realizar no lugar em um diálogo dos saberes constituídos do ser humano com o ambiente, rompe com o pensamento produzido ao longo dos espaços tempos que impõe uma única maneira de ser sustentável. Maneira esta, que ao desprezar as experiências vividas e as múltiplas possibilidades de envolvimento do ser humano com o seu lugar, priorizando um viés econômico, vai de encontro a uma concepção da natureza como algo público e um bem comum à humanidade.

O discurso da sustentabilidade voltado para a ideia de normas e regras impostas como modelos prontos, no que se refere à Educação Ambiental, dificulta outras possibilidades de constituir um conhecimento que tenha como base as experiências vividas, em que o lugar propicie uma ligação retroativa com a Terra. Uma educação que, ao ser condicionada à lógica do desenvolvimento econômico, torna-se incompatível com um percurso que vise superar a separação entre o ser e a natureza, assim como a separação existente entre o ser e os seus pares. Logo, proponho uma **Educação Ambiental existencial**, que proporcione uma:

Reunificação do eu com o mundo (natureza, os outros, a sociedade, as futuras gerações, o cosmos) é o estabelecimento de um comprometimento. A educação sob a abordagem fenomenológica é realização de compromisso e manifestação do sentido do compromisso. Assim, a educação pela fenomenologia é um processo de resgate da formação humana que estabelece uma continuidade. (BACH Jr, 2013, p. 152).

A Educação Ambiental existencial se realiza em uma abordagem teórico-filosófica como uma tentativa de ruptura com o conceito de desenvolvimento sustentável permitindo a compreensão de que, no cotidiano, o sustentável não se limita ao pré-definido das esferas governamentais. Uma Educação Ambiental, que se constitui não apenas nos espaços formais para a educação, em especial as escolas e universidades, mas também nos mais diversos territórios e lugares, em que haja íntima relação do ser humano com a natureza.

A Educação Ambiental existencial, também, é estruturada a partir de uma leitura postura pós-colonial que cria condições para a emergência de saberes que historicamente foram tornados ausentes, não se limitando a caminhos que apontem que o sustentável ocorre apenas na perspectiva de desenvolvimento, produzido pelo mundo moderno. Postura que propicia a emergência de concepções do que venham a ser o sustentável ao reconhecer as potencialidades culturais e a sociobiodiversidade existentes no lugar.

Na Educação Ambiental existencial, as possibilidades de definição do sustentável perpassam por processos de envolvimento com a natureza, sobretudo a partir da territorialização das culturas. Isto não significa que há uma idealização da cultura dos mais

diversos povos que possuem uma relação mais íntima com a natureza. Caso houvesse essa idealização, romperíamos com a proposição de diálogo de saberes e direcionaríamos o entendimento de que tais práticas se consolidariam como uma metanarrativa da sustentabilidade.

Portanto, a cultura em toda a sua diversidade e com suas singularidades passa a ser entendida como uma atividade produtora que propicia outras possibilidades de apreender uma relação sustentável da humanidade para com a Terra. Cultura que se torna preponderante na produção de um processo educativo, que, para a Educação Ambiental, tenha uma estrutura axiológica de saberes e valores constituídos pelos saberes dos mais diversos povos originários, à medida que “A cultura é mais do que produto e ato. É modo de produzir. É hábito cultural, ético, intelectual, não só objeto produzido e preservado e ensinado às novas gerações” (ARROYO, 2014, p. 104).

A Educação Ambiental existencial ao ser elaborada a partir do envolvimento ambiental com o lugar e com os mais variados saberes existentes no mundo, se realiza em um movimento dialógico com o outro, permitindo colocar, no campo das possibilidades concretas, em um viés humanista, uma ruptura com a certeza universal do desenvolvimento sustentável:

[...] sem a aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade perpassando pela certeza ideológica, limita o acontecimento do fenômeno social. (MATURANA; VARELA, 2001. p. 269).

Uma outridade que se alicerce em um envolvimento ambiental em que o sustentável na Educação Ambiental existencial possa ser descrito a partir das experiências vividas e com o lugar. Que seja interdisciplinar, ao se assentar em uma diversidade de saberes, para além do científico; e plural, ao ensejar uma multiplicidade de compreensões de como se realizam os caminhos sustentáveis, à medida que a relação da humanidade com a natureza no lugar é constituída por relações de intimidade e afetividade, impossíveis de serem repetidas.

Considerações Finais

Ao apontar a não naturalidade da natureza, ou seja, que esta se trata de um conceito produzido pela humanidade, apresentei duas atitudes humanas com o intuito de evidenciar a ambiguidade existente em sua relação com a natureza. A primeira é mais contemplativa e estética e refere-se a uma perspectiva, a qual, o ser humano sente-se parte integrante de um

sistema em que ele também faz parte. A outra relação é mais racionalista e exploratória, na qual a natureza é objetificada a fim de ser experimentada e estar a serviço do ser humano.

A objetificação da natureza, construída por intermédio de uma racionalidade econômica, inviabiliza as múltiplas possibilidades de envolvimento do ser humano com seus pares e com a natureza, em uma perspectiva existencial. Tal racionalidade ao ser alicerçada em uma lógica global, em detrimento de uma relação alicerçada no lugar, tem como um dos seus expoentes, um conceito: o desenvolvimento sustentável. Este, ao ser pensado e produzido como único para todos os lugares, territórios e povos ratifica a negação de possibilidades de envolvimento com a natureza a partir de uma diversidade de culturas e de outros processos de significação do ser humano, com a natureza que aflora do envolvimento com o lugar.

Compreender a existência de um enorme potencial, nos mais diversos lugares, sobre o que vem a ser o sustentável propicia o entendimento de que há uma diversidade de possibilidades de sustentáveis em uma realidade complexa que extrapola os ideais de um modelo de desenvolvimento sustentável.

A proposição de uma concepção existencial de Educação Ambiental trouxe como seu elemento fundante o modo de vida existente em povos e comunidades que possuam uma relação íntima com a natureza, propiciando pensar uma educação fundada no lugar, com as subjetividades, percepções e envolvimento com o ambiente.

A Educação Ambiental existencial, ao ser fundada na existência reconhece que os saberes constituídos com as experiências vividas são igualmente válidos para dialogar com os outros conhecimentos e teorias sobre o ambiente e sobre a educação, tendo no caso deste artigo, a apresentação do sustentável constituído a partir dos saberes existentes e presentes em povos que possuem uma íntima ligação com a natureza.

Por fim, compreendo, também, a sustentabilidade reconfigurando-se e sendo produzida em um diálogo com outros saberes, e emergindo no lugar, rompendo com o pensamento produzido por uma sociedade que impõe uma única maneira de ser sustentável, desprezando as experiências vividas e o os diversos saberes.

Referências

ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, outras pedagogias**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ARTIGAS, M. **Filosofia da Natureza**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005.

BACH Jr, J. A fenomenologia da natureza de Goethe: conexões à educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Porto Alegre, n.1, v.30, p.140-158, 2013.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro Comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

JAPIASSU, H; MARCONDES, D. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HADOT, P. **O Véu de Ísis**: Ensaio sobre a história da ideia de natureza. São Paulo: Loyola, 2006.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LEFF, E. **Discursos Sustentáveis**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2010.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução de Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **A Natureza**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 10 jul. 2015

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Os (des)caminhos do Meio Ambiente**. 15. ed. Contexto: São Paulo, 2006.

RELPH, E. Reflexões sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA Jr Eduardo, HOLZER Werther, OLIVEIRA Lívia de (Orgs). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p.17-32, 2012.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia Física (?) geografia Ambiental (?) ou geografia e ambiente (?). MENDONÇA Francisco, KOZEL, Saete (Orgs). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. 1º ed. revisada. Curitiba: Editora da UFPR, p.111-120, 2014.

TUAN, Y.-F. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VIEIRA, F. P. Por um envolvimento na Educação Ambiental. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, v.16, n.3, p.395-407, 2014.

Recebido em	28/02/2019
Aceito em	25/04/2019